

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE GEOGRAFIA**

DANIEL CASTANHEIRA GUIMARAES

**GEOGRAFIA E FOTOGRAFIA:
contribuições para a análise das territorialidades cíclicas**

**Ituiutaba/MG
2019**

DANIEL CASTANHEIRA GUIMARÃES

**GEOGRAFIA E FOTOGRAFIA:
contribuições para a análise das territorialidades cíclicas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia, sob orientação do Prof. Dr. Vitor Koiti Miyazaki.

**Ituiutaba/MG
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Ciências Humanas do Pontal
Curso de Geografia

Daniel Castanheira Guimarães

Geografia e fotografia: contribuições para a análise das territorialidades cíclicas

Prof. Dr. Vitor Koiti Miyazaki (Orientador)

Prof. Me. Saul Moreira Silva (ICHPO/UFU)

Profa. Suellen Batista dos Santos Parreira (PPGEP/ICHPO/UFU)

Data: 05/12/2019

Nota: _____

Resultado: _____

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer aos meus pais por todo o esforço investido na minha educação e crescimento. Mesmo não estando mais presentes, sei que estão felizes com essa conquista.

Aos meus familiares que apoiaram e acreditaram na conquista.

Agradeço também à minha namorada Natália, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando e apoiando nessa reta final.

Sou grato pela confiança depositada na minha proposta de projeto pelo professor Vitor Koiti Miyazaki, orientador do meu trabalho. Obrigado por me manter motivado durante todo o processo.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Por último, quero agradecer também à Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal e todo o seu corpo docente.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal demonstrar a importância da fotografia na pesquisa geográfica, em especial quanto ao estudo dos territórios. No presente trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica de autores geógrafos e fotógrafos, assim como, pesquisa de campo realizado por meio de registros fotográficos. Como resultado tem-se a importância da história da fotografia e a evolução das técnicas fotográficas e como a popularização da fotografia influenciou o estudo geográfico; a conceitualização de territorialidades do ponto de vista da Geografia e seus elementos característicos; a constatação da relação entre fotografia e Geografia; a constatação por meio da análise de registros fotográficos dos pontos de observação predeterminados da territorialidade cíclica e das multiterritorialidades. Por meio dos resultados alcançados neste trabalho foi possível concluir que a fotografia é um instrumento de grande importância para o estudo geográfico, visto que por meio de seus registros possibilita a análise e leitura dos territórios.

Palavras-chaves: Geografia, fotografia, territórios, poder, espaço.

ABSTRACT

The main objective of this work is to demonstrate the importance of photography in geographical study, especially in the study of territories. In the present study it was used a broad bibliographic research of geographers and photographers authors, as well as field research through photographic records. As a result there is the study of the history of photography and the evolution of photographic techniques and how the popularization of photography influenced the geographical study; the conceptualization of territorialities from the point of view of Geography and its characteristic elements; the finding of the relationship between photography and geography; the finding through the analysis of photographic records of predetermined observation points of cyclical territoriality and multiterritorialities. Through the results achieved in this work it was possible to conclude that photography is an instrument of great importance for the geographic study, since through its records it allows the analysis and reading of the territories.

Keywords: Geography, photography, territories, power, space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto mais antiga tirada por Niépce, por volta de 1826	11
Figura 2- Daguerreótipo	12
Figura 3- Primeira câmera fotográfica digital: Kodak DCS 100	15
Figura 4: Localização do município e área urbana de Uberlândia – MG	30
Figura 5: Representação da área central de Uberlândia – MG	31
Figura 6: Localização das áreas de observação: 01. Praça Tubal Vilela e 02. Praça Rui Barbosa	32
Figura 7 - Grupo de pessoas no encontro na Praça Rui Barbosa	33
Figura 8 - Policiais revistando as pessoas presentes no evento	33
Figura 9: Fotografia da Praça Tubal Vilela (Em frente à Catedral Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face)	35
Figura 10: Fotografia da Praça Tubal Vilela nº2. (Centro da praça)	35
Figura 11: Fotografia da Praça Tubal Vilela nº 3. (Em frente à Rua Afonso Pena)	36
Figura 12: Fotografia da Praça Tubal Vilela no período noturno	36
Figura 13: Fotografia da Praça Rui Barbosa – período diurno	37
Figura 14: Fotografia da Praça Rui Barbosa – período noturno	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – História e evolução da fotografia	9
CAPÍTULO 2 – Território e territorialidades e suas relações com a fotografia	17
2.1 – A construção da ideia de territórios	18
2.2 – Das territorialidades aos territórios cíclicos	20
2.3 – A fotografia na Geografia	22
CAPÍTULO 3 – Análises de territórios por meio de fotografias	29
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

A fotografia surgiu através do desejo do ser humano de registrar imagens de forma duradoura. Com o desenvolvimento das técnicas fotográficas, houve uma ampliação de sua utilização pela sociedade, inclusive para a área científica. Os geógrafos, por exemplo, viram uma oportunidade de se registrar, de maneira mais prática, seus objetos de estudo.

São amplas as possibilidades de utilização da fotografia na Geografia. Neste estudo focaremos na análise dos diferentes usos do território, considerando-se a ideia de territórios cíclicos, por meio da fotografia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos levantamento bibliográfico em livros e artigos científicos sobre os diferentes temas atinentes ao estudo, assim como o levantamento de material fotográfico do recorte territorial de estudo, na área central da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. O levantamento fotográfico procurou contemplar o fluxo de pessoas, a presença de grupos específicos, a dinâmica da atividade comercial, entre outros aspectos, considerando-se horários preestabelecidos em dois pontos específicos da área central de Uberlândia.

Consideramos que a fotografia pode se constituir em um instrumento importante para registros de certos aspectos referentes à dinâmica territorial das áreas de estudo, inclusive no âmbito da Geografia. A fotografia permite, por exemplo, que as pessoas tomem conhecimento de certas paisagens mesmo não estando presentes nos locais e horários representados. Nem todas as pessoas têm acesso aos diferentes locais e em horários específicos e, dessa maneira, as fotografias podem ajudar na representação e divulgação destes espaços.

Considerando-se, portanto, a proposta deste estudo, o trabalho está organizado da seguinte maneira: No capítulo um, procuramos demonstrar a importância da fotografia para a Geografia, fazendo um estudo a respeito da história da fotografia e sua evolução. Em seguida, no capítulo dois, apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre a observação e análise em relação ao poder exercido sobre um território e sua ciclicidade. Ainda nesta parte do trabalho, procuramos mostrar como a fotografia pode ser útil na Geografia, trazendo algumas pesquisas e exemplos. Por fim, no terceiro e último capítulo, trazemos registros fotográficos das áreas observadas e as análises sobre as mesmas, discutindo sobre as relações de poder exercidas por quem as frequenta.

Neste trabalho pretende-se através do uso da fotografia e da análise da perspectiva sobre a ciclicidade dos territórios, demonstrar que diferentes grupos podem exercer domínio sobre uma mesma área em diferentes momentos em temporalidades diversas.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA FOTOGRAFIA

A fotografia pode ser considerada uma das maiores e mais importantes invenções da história. Evoluiu muito desde o seu surgimento até os dias atuais, ajudando no desenvolvimento de vários projetos e estudos.

Para que se entenda um pouco mais sobre a história da fotografia, é necessário falar sobre Alhaken de Basora (FOTOGRAFIA MAIS, 2017) um árabe que viveu há cerca de 1000 anos atrás, e foi o primeiro a escrever sobre a questão de registro de imagens. Basora observou que imagens se formavam dentro de sua tenda quando a luz do sol cruzava o tecido da tenda, e anos mais tarde essa técnica foi utilizada formando silhuetas a partir da luz solar, e assim ajudando artistas com suas pinturas.

Em meados do século X, Alhaken (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), que era um físico e matemático, observava os eclipses solares e criou um método através da utilização da câmara escura, que se trata de uma caixa, quarto ou algo totalmente fechado e somente com pequeno furo para que se possa passar algum tipo de iluminação de algum objeto e reproduzindo uma imagem ao contrário dentro do local, e a imagem pode ser captada se utilizar um filme ou papel fotográfico, porém até então, a câmara escura havia sido descoberta, mas sem relatos e explicações.

Somente no ano de 1558, Giovanni Battista della Porta (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), volta a falar sobre a câmara escura e suas características e escreve um livro chamado *Magia Naturallisl*, onde ele cita que a câmara escura é responsável pela primeira fotografia, porém de forma não-oficial. A câmara escura foi um objeto muito utilizado durante todo o período da Renascença, entre os séculos XIV e XVI.

Sobre este assunto, Reis Júnior (2014) traz contribuições importantes, ao enfatizar as contribuições que a relação entre óptica e química trouxeram para o desenvolvimento da fotografia. De acordo com o autor:

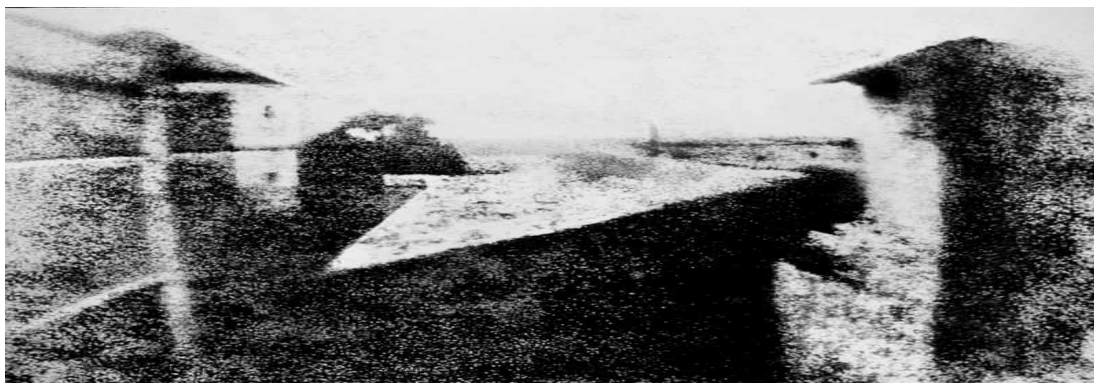
Muito, muito antes dos engenhos de Nicéphore Niépce (1765-1833) e Louis Daguerre (1787-1851), os ensaios sobre Óptica já revelavam o princípio. De raios luminosos, que transmitidos por objetos iluminados de luz natural, e atravessando pequenos orifícios, penetram num espaço assombrado e produzem ali uma imagem invertida. Justo numa parede oposta. E o bem posterior século dezenove ofertaria ao talento de personagens seus experimentadores a grande vantagem de um feliz encontro entre Óptica e Química. Com ensaios à base de resina; depois, prata sobre cobre. E a restituição da 'verdadeira natureza' (no negativo ao positivo) graças a vapores de mercúrio. Estava claro: a imagem, desde logo, careceria da matéria. Vidro, papel, emulsões gelatinosas. (REIS JUNIOR, 2014, p.12).

Tal passagem demonstra também como, ao longo da história, houve um desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas relativas à fotografia.

Na década de 1793 Joseph Nicephore Niépce (SALLES, 2014) começou seus estudos e experimentos fotográficos. Ele conseguiu registrar várias imagens utilizando a câmara escura, porém elas desapareciam rapidamente, pois a luz se deteriorava. Niépce utilizava vários materiais para conseguir estagnar as imagens, como por exemplo um tipo de papel feito de cloreto de prata, havia tentado também com verniz de asfalto e várias misturas de óleo para tentar garantir a fixação das imagens.

Mas foi somente em 1824 que Niépce conseguiu encontrar um meio para que suas imagens tivessem maior tempo de duração (SALLES, 2014). Em 1826 ele conseguiu registrar sua primeira fotografia de duração indeterminada. Para conseguir tal feito, ele utilizou uma placa de estanho coberta com um derivado de petróleo fotossensível, ele esperou quase oito horas de exposição à luz para que a imagem se reproduzisse e fixasse.

Figura 1 - Foto mais antiga tirada por Niépce, por volta de 1826



Fonte: Deutsche Welle. (2019).

A primeira fotografia de Niépce foi chamada de “heliografia”, que significa “gravura com a luz do Sol”. E apesar de sua experiência, ele não conseguiu registrar sua invenção, pois se recusou a descrever completamente o processo que utilizou, em uma viagem para a Inglaterra, para a Royal Society, que é uma instituição destinada à promoção do conhecimento científico em Londres.

Niépce ainda é considerado por muitos o pai da fotografia, mesmo sem esse registro oficial, e após sua morte em 1833, ele deixou suas obras para Louis Jacques Mandé Daguerre (SALLES, 2014), e esse foi quem começou a aperfeiçoar seu trabalho.

Daguerre queria expandir o trabalho da fotografia para alcançar mais pessoas, e para isso ele iniciou estudos sobre os métodos de Niépce, para que qualquer pessoa conseguisse utilizar tais métodos e acabou disponibilizando seu trabalho como uma forma de pesquisa pública e foi totalmente apoiado pelo governo francês.

Em 1835, com o apoio do governo, foi criado o daguerreótipo, que era uma espécie de câmera fotográfica, que consistia em ter chapas de cobre sensibilizadas com prata, e para que a imagem não se alterasse, ela era emergida em uma solução com sal de cozinha, então a imagem era fixada e espelhada.

Figura 2- Daguerreótipo



Fonte: Neto, Cid Costa. Máquina do tempo: Daguerreótipo. (2011).

Daguerre faleceu em 1851, mas suas contribuições desenvolvidas junto ao governo francês resultaram em grandes avanços para a fotografia.

Em 1841, William Henry Talbot (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), criou um outro método de se obter cópias das fotografias, um método que é basicamente o que usamos nos dias atuais. São chamados de calótipos, que são os negativos que devem ser passados para os positivos em outra folha. Esses negativos são os responsáveis por absorver a luminosidade, estagnar a imagem e formar a fotografia. Porém Talbot ainda queria saber que tipo de folha seria a ideal para que esses negativos pudessem ser impressos.

Esse feito acabou sendo resolvido pelo inglês Frederick Scott Archer (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), que em 1848, criou um processo de colódio úmido, que se trata de um composto de éter e álcool em uma solução de nitrato e celulose, e essa substância era o que faltava para que a fotografia pudesse ser revelada logo após ser tirada.

Mesmo com todos esses métodos desenvolvidos, a fotografia era uma prática cara e inacessível para muitos, mas em 1888 isso começou a ser modificado pela empresa Kodak.

A Kodak é uma empresa que foi fundada no ano de 1880, por George Eastman (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), que à época se tratava de uma empresa de chapas secas que se chamava Eastman Kodak Company, sendo que essa começou a incentivar as pessoas a tirarem suas próprias fotos sem que precisassem de profissionais, e conseqüentemente criou uma câmera fotográfica que era acompanhada com um rolo de 20 metros, onde se podia tirar 100 fotografias, sendo que esse rolo não era substituível, portanto, assim que as 100 fotos eram tiradas, uma nova câmera deveria ser adquirida pela pessoa, esse modelo foi evoluindo com o passar dos anos sendo que foi substituído por uma câmera que permitia a troca, sem o seu descarte.

A Kodak teve uma extrema importância na história da fotografia, por ela ter iniciado a popularização das câmeras e também por diminuir os custos das câmeras e acessórios, permitindo que pessoas de classes menos elitizadas pudessem ter acesso aos meios fotográficos.

Mas mesmo com a popularização da fotografia pela Kodak, permanecia o antigo questionamento pelas pessoas do porque as fotos eram em preto e branco, sendo que em tudo havia cores.

Foi esse questionamento que levou o físico escocês James Clerk Maxwell (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), em 1861, a conseguir tirar a primeira fotografia colorida permanente, se baseando nas técnicas fotográficas que já existiam.

Para isso, Maxwell se utilizou de três filtros diferentes em três fotos idênticas: um vermelho, um azul e um verde, também usou lâmpadas com filtros das mesmas

cores e assim conseguiu projetar o resultado em uma tela, fazendo surgir a tecnologia RGB juntamente com a primeira fotografia colorida.

Por volta do ano de 1903, os irmãos Lumiere (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), que já eram famosos por serem os pioneiros do cinema, inventaram os autocromos coloridos, porém era uma criação bastante complexa para que fossem capturados, onde necessitavam de placas rígidas de vidro com uma substância de batata e vários componentes químicos, sendo que seus custos eram muito altos, o que impossibilitava a comercialização.

Em 1935, houve o lançamento da Kodachromes, pela Kodak, e com isso foi possível tirar fotos coloridas a um preço mais baixo, mas havia um problema que era a revelação dessas fotos, pois nem todos laboratórios possuíam a tecnologia necessária.

No ano seguinte, uma empresa alemã chamada Agna, criou um filme colorido que era capaz de revelar as fotografias em qualquer laboratório.

Sendo que foi na década de 70, em que a fotografia colorida se popularizou, e com isso as câmeras já poderiam ser obtidas por qualquer pessoa ao redor do mundo.

Quando já não se esperava mais grandes mudanças na fotografia, surge Steve Sanson (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), um engenheiro elétrico da Kodak, que em 1975, desenvolveu a primeira câmera digital que utilizava de dispositivos analógicos, captava imagens preto e branco e levava cerca de trinta segundos para processar as imagens, mas só quinze anos depois, em 1990, que ela pode ser comercializada. E foram quase dez anos depois para que a fotografia digital ganhasse espaço no mercado, e isso pode ter ocorrido ao baixo custo e facilidade de armazenamento das imagens que começaram a surgir, como os cartões de memória.

Figura 3- Primeira câmera fotográfica digital: Kodak DCS 100



Fonte: Equipe Fotografia Mais. (2017)

Já no Brasil, a fotografia chegou no ano de 1840, trazida por Abade Louis Compte (FOTOGRAFIA MAIS, 2017), no Rio de Janeiro. Ele realizava uma demonstração do daguerreotipo para o imperador D. Pedro II, onde registravam alguns locais ao seu redor. Com isso, D. Pedro II, se interessou muito pela fotografia, e se tornou o primeiro fotógrafo brasileiro com menos de 15 anos de idade e também um colecionador da fotografia. Ele trouxe os melhores fotógrafos da Europa, realizou grandes exposições e divulgou muito a fotografia brasileira, difundindo a nova técnica pelo país.

Dessa forma, fica demonstrado como a fotografia surgiu e se espalhou pelo mundo todo, sendo hoje uma das técnicas mais utilizadas para o registro de imagens para diversas funções, inclusive para fins científicos em várias áreas de estudo.

Para Reis Júnior (2014), a fotografia possui cinco funções principais: arquivar (o ato de reunir o material), ordenar (considerando-se a lógica da composição dos documentos), modernizar os saberes (divulgação do material, sobretudo para a ciência), ilustrar (a conversão do tátil em visual) e informar (divulgação, principalmente para o jornalismo).

No âmbito da ciência, mesmo sendo difícil precisar o início do uso científico da fotografia, há registros desde o século XIX de contribuições desta técnica para o

desenvolvimento e aprimoramento do conhecimento científico, por meio de diferentes usos: astronomia, fotografia microscópica, análise da locomoção de animais, antropologia, entre outros (REIS JUNIOR, 2014). Com o aperfeiçoamento das técnicas da fotografia, houve também o desenvolvimento e a ampliação de seus usos, inclusive o científico.

Dessa forma, a fotografia trouxe “à ciência um modo de corrigir, ou pelo menos minorar, os erros e ilusões do olho humano”, pois a “fotografia veio a ser como que a ‘retina do cientista’” (REIS FILHO, 2014, p.17).

Nas ciências humanas, por exemplo, a fotografia pode ser utilizada para explicar e representar a sociedade, pois está presente em diversos lugares e momentos da história.

Na Geografia a fotografia é muito utilizada para registros comparativos de plantações, áreas de queimadas e/ou reservas, no meio espacial, com a utilização de satélites ou aeronaves para sensoriamento remoto e também para registros de desenvolvimentos geográfico-social, como por exemplo, a análise de territórios e espaços, que é o objeto de estudo desse trabalho.

Diante disso, no capítulo a seguir trataremos da importância da fotografia para a análise dos territórios no contexto da Geografia, mais especificamente tratando do espaço urbano.

CAPÍTULO 2

TERRITORIO E TERRITORIALIDADES E SUAS RELAÇÕES COM A FOTOGRAFIA

Como dito anteriormente, o objeto de estudo desse trabalho é explorar a fotografia enquanto instrumento importante para a representação e compreensão das dinâmicas do território.

Na Geografia a ideia e conceito de território foi estudada por muitos autores, e por ser um objeto de estudo interdisciplinar, possui vários elementos influenciadores.

Neste trabalho, o conceito utilizado para a análise do território é baseado na definição de Marcelo José Lopes de Souza (2000, p.78), que o denomina como sendo: “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, onde podemos observar as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e o espaço em que está inserido”.

Ou seja, para Souza (2000) as pessoas que estão inseridas e se apropriando de determinado espaço, trazem suas características, sejam elas regionais e/ou culturais, registrando sua identidade naquele espaço.

Para Fuini (2015), a conceituação de território é semelhante à de Souza, porém mais flexível, pois para ele trata-se de um estudo interdisciplinar onde ele se aprofunda nos vários elementos influenciadores do território, como por exemplo os políticos, os sociais, os culturais, entre outros.

E é nesse sentido também que Saquet (2008, p.90) enfatiza que o território “é o conteúdo das formas e relações materiais e imateriais, do movimento, e significa apropriação e dominação, também material e imaterial, em manchas e redes”.

Nesse sentido, compreendemos que o conceito de território é bastante amplo e abrangente e, dessa maneira, torna amplo o campo de investigação que trata das temáticas ligadas à territorialidade e territorialização, como veremos a seguir.

2.1 – A CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE TERRITÓRIOS

A ideia de território teve como um de seus pioneiros Friedrich Ratzel (SOUZA, 2000 p.85), que defendia que o território ou solo, era um espaço delimitado pelo Estado, sendo que era o Estado que define as relações de poder e apropriação dos espaços.

No entanto, a ideia de poder ao qual se vincula o conceito de território deve ser mais amplo, conforme já exposto por Haesbaert (2008, p.20):

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação.

Portanto, o poder deve ser apreendido também no sentido mais amplo, da apropriação, e não só do ponto de vista do poder político.

Inclusive, na Geografia Política, o território surge como um espaço que possui atributos naturais e construídos socialmente, ocupado por um grupo social, sendo que essa ocupação do território aparece como um gerador de identidade, a partir da ideia de que um grupo não pode mais ser compreendido sem um território, onde é criada uma identidade sociocultural das pessoas.

Entretanto tanto para Souza (2000) quanto para Fuini (2015), a questão política seria somente um dos elementos que compõe a formação da ideia de território, indo além da visão Estadocêntrica difundida por Ratzel.

Assim sendo, para Souza (2000) e Fuini (2015), o território não se restringe somente ao Estado, mas sim a qualquer espaço onde se possa notar relações de poder, ou seja, a territorialidade pode ser percebida em escalas menores de acordo com os grupos que ocupam este espaço, em determinado momento.

Em especial, quando se considera a natureza em que os territórios são construídos e também desconstruídos em várias escalas diferentes, sejam elas simples ou mais avançadas, e em várias escalas temporais diferentes, sejam elas marcadas por décadas, séculos, meses ou dias; e dentro dessas escalas os territórios podem ser permanentes ou cíclicos.

O espaço que é ocupado por determinado grupo pode ser tornar o território deste grupo devido ao poder exercido por ele, porém este poder pode ser ameaçado por outros grupos acarretando em conflitos ou em um exercício de poder violento. Através dessa apropriação e relação de poder, esse grupo cria uma autonomia e consegue mostrar sua identidade, sendo que ela pode ser regional e cultural.

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir livremente seu território, catalisador de uma identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos. Uma sociedade autônoma não é uma sociedade 'sem poder', o que aliás, seria impossível. (SOUZA, 2000, p.106)

Por fim, em observação ao que foi trazido, pode-se concluir que as relações de poder, de uso e apropriação do espaço e elementos culturais são fatores que formam o território. Sendo assim, o território pode ser definido como uma delimitação de um espaço dominado por um determinado grupo de pessoas que exerce poder sobre ele, expressando assim, sua identidade.

De acordo com Souza (2000), o território pode ser um conceito usado para explicar alguns processos de produção e apropriação do espaço que a sociedade

ocupa, como por exemplo camelôs que se encontram em centros urbanos, vendedores que surgem em determinadas épocas do ano para datas comemorativas, entre outros, e dessa ideia de apropriação, surgem as territorialidades.

2.2. DAS TERRITORIALIDADES AOS TERRITÓRIO CÍCLICOS

Através do processo de identificação dos grupos que exercem poder em um espaço, é possível definir sobre territorialização, desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 2004).

Dessa forma, tem-se que desterritorialização seria a perda de vínculos de um grupo sobre um território, perdendo também o controle das territorialidades pessoais e coletivas, ou seja, deixando de exercer poder sobre determinado espaço (VAZ, 2010).

Em relação a reterritorialização, essa se define quando o indivíduo ou grupo necessita de um novo espaço para criar um território, sendo que este processo por muitas das vezes é mais complicado, pois terão que ser criados novos vínculos e adaptações (VAZ, 2010).

Já sobre a territorialização, que é o exercício de poder por um grupo, em determinada área é possível verificar a sua existência por mais de um grupo em um mesmo espaço, no mesmo momento ou em momentos distintos.

Nesse contexto, cabe ressaltar que “Geograficamente falando, não há desterritorialização sem reterritorialização pelo simples fato de que o homem é um ‘animal territorial’” (HAESBAERT, 2008, p.20).

Ainda nesse sentido vale destacar as palavras de Saquet (2008), quando afirma que:

De maneira geral, é fundamental considerar a processualidade histórica e relacional, os tempos, os territórios e as territorialidades, as

diversidades e unidades em cada relação espaço-tempo-território. O território é produto social e condição. A territorialidade também significa condição e resultado da territorialização (SAQUET, 2008, p.90).

Dessa maneira, a historicidade e a processualidade dão caráter dinâmico no âmbito do território e das territorialidades. O autor completa ainda que:

A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no ruralagrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida (SAQUET, 2008, p.90).

Portanto, as relações resultantes das diferentes tramas de poder, apropriação e mesmo relações cotidianas diversas podem configurar muitas territorialidades.

Quando temos uma situação de presença e apropriação de mais de um grupo em um mesmo espaço, temos uma situação de multiterritorialidade, na qual esses grupos podem conviver de forma harmônica ou não, cada qual com sua identidade podendo ou não prejudicar a autonomia do outro.

Um exemplo que é trazido por Souza (2000, p.91) diz respeito à formação de territórios com essa temporalidade bem definida, é a “apropriação” de alguns espaços públicos pelos nordestinos nos finais de semana na Praça Saens Peña, na cidade do Rio de Janeiro, e a ocupação das calçadas de algumas ruas por camelôs. No caso dos nordestinos, é possível notar que eles tentam por algumas horas, manter um pouco de sua identidade, se territorializando em momentos definidos em um local que pode ser visto como uma “invasão” pelos moradores do bairro da praça, pelo fato daquele grupo não “pertencer” a sua cultura ou cidade. E no caso dos camelôs, existe o conflito do comércio formal e informal.

Entretanto, as relações de poder podem ser exercidas em um espaço por mais de um grupo, em horários distintos, também de forma harmônica, criando-se assim territorialidades cíclicas.

E falando em territorialidade flexível, pode-se encontrar vários desses exemplos no espaço urbano, sobretudo nas grandes cidades, devido a sua complexidade. Souza (2000, p.87), cita alguns desses exemplos: ele fala sobre os territórios de prostituição feminina ou masculina, onde possui um mundo exterior em geral, que é de onde vem os clientes, e também até um grupo concorrente, como por exemplo, os travestis, o que pode causar conflito, e isso comumente ocorre em horários noturnos, e as ruas “são apropriadas” por esses grupos. Durante o dia, essas mesmas ruas possuem um outro tipo de movimento, e se encontra pessoas em estabelecimentos comerciais, escritórios, possíveis moradores na região, entre outros.

Souza (2000) demonstra, dessa maneira, que existem territorialidades cíclicas em decorrência das relações que se estabelecem, num mesmo espaço, em diferentes períodos e horários. É a partir dessa perspectiva que desenvolvemos a ideia desta pesquisa, que é de tentar compreender as diferentes territorialidades em alguns pontos da área central da cidade de Uberlândia.

Diante do exposto, considerando-se esta perspectiva das territorialidades cíclicas, associada ao surgimento e desenvolvimento da fotografia, procuramos articular estas duas temáticas no sentido de contribuir para as análises geográficas.

Neste ponto, ressaltamos que a fotografia em si é uma representação estática, porém a territorialidade é dinâmica e, por isso, faz com que seja necessária mais de uma fotografia do mesmo local, durante um determinado intervalo de tempo para que se possa mostrar e analisar a dinâmica do território analisado.

Para explorarmos estes aspectos, no item a seguir aprofundamos a discussão sobre o uso da fotografia na Geografia, além de suas possibilidades e limitações no que diz respeito à análise do território.

2.3 A FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

A Geografia está muito ligada a representações visuais de seus objetos de estudo, tratando-as como ponto de partida importante, uma vez que se preocupa também com os conteúdos e as dinâmicas da sociedade e da natureza. Portanto, na análise geográfica, não podemos ficar restritos apenas à representação visual, embora seja um ponto de partida importante.

Com a crescente evolução tecnológica e cultural, a ciência geográfica tem uma preocupação cada vez maior em mostrar e representar o mundo através de linguagens visuais, como é o caso da fotografia.

Entretanto, a linguagem visual não é demonstrada apenas de uma única forma, como diz Nascimento (2016) e Steinke (2016), na Geografia existem diversas categorias de análise. Neste trabalho, como já exposto anteriormente, exploraremos a relação da fotografia com a Geografia no estudo da territorialidade.

A respeito da importância da fotografia, podemos remontar ao período em que os primeiros geógrafos e viajantes realizaram registros importantes que auxiliaram no relato de observações e pesquisas, incluindo leituras e análises sobre paisagem e território. A fotografia, portanto, no âmbito dos estudos geográficos, pode oferecer uma maneira de ver através do espaço e do tempo.

Outro autor que também fala sobre a fotografia e a paisagem é Barthes (1982), sendo que para ele: “A imagem fotográfica fornece uma especificidade visual de algo como realmente foi, em determinado momento, registrado por uma câmera, como se

a fotografia carregasse sempre com ela mesma sua referência” (BARTHES, 1982, apud NASCIMENTO; STEINKE, 2016, p.29). Barthes (1982) também diz que: “a fotografia nunca mente; ou melhor, ela pode até mentir quanto ao significado da coisa sendo por natureza tendenciosa, mas nunca como existência” (BARTHES, 1982, apud NASCIMENTO; STEINKE, 2016, p.29).

É neste sentido também que Reis Júnior (2014, p.12) afirma que “A fotografia significou (ou quis significar) a captação integral do visível”. Tem-se, portanto, a representação fidedigna da realidade, porém, num dado momento, num dado espaço, cabendo ao pesquisador a sua contextualização e análise.

As fotografias quando tiradas podem ter inúmeras informações e podem servir para várias finalidades, mas em geral, mostram informações sociais e/ou ambientais, provocando assim diferentes reações de acordo com quem as vê, cabendo ao fotógrafo em si, chamar a atenção para o que ele pretende mostrar.

Sendo assim: “a fotografia não apenas reproduz o real, recicla-o – um procedimento fundamental numa sociedade moderna” (SONTAG, 2004, apud NASCIMENTO; STEINKE, 2016, p.29).

Dessa forma a fotografia pode fazer com que as pessoas que a estão vendo, façam questionamentos sobre as informações contidas na imagem, e também os motivos que levaram o fotógrafo a tirar aquela foto de maneiras e ângulos diferentes e o que ele quis realmente mostrar em determinado posicionamento.

Entretanto, para o geógrafo, o uso da fotografia deve ser encarado como um desafio, sendo esse desafio realizar uma análise crítica através da imagem.

Para Reis Filho (2014, p.32), o “geógrafo deveria estabelecer para o uso da fotografia um compromisso mais desafiador”, sendo que o “desafio seria o de emprega-la com vistas a uma análise crítica”.

As imagens formadas através da fotografia se tornam documentos que ficam para toda a história, não só da fotografia, mas a história de um lugar, de um povo, uma civilização, pois é possível ver as influências do passado através das paisagens representadas nas imagens, é possível ver a evolução e interação homem-meio.

Em se tratando dessas representações, pode-se ser referenciado as construções de realidade de registro de imagens trazido por Kossoy (1989) que define que existam duas realidades, a saber:

A primeira realidade é o próprio passado. A primeira realidade é a realidade do assunto em si na dimensão da vida passada; [...] É também a realidade das ações e técnicas levadas a efeito pelo fotógrafo diante do tema – fatos estes que ocorrem ao longo do seu processo de criação - e que culminam com a gravação da aparência do assunto sobre um suporte fotossensível e o devido processamento da imagem, em determinado espaço e tempo. São estes, fatos diretamente conectados ao real. [...] Findo o ato a imagem obtida já se integra numa outra realidade, a segunda realidade. A segunda realidade é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o suporte no qual esta imagem se encontre gravada. [...] A segunda realidade é, a partir do conceito acima, a realidade de fotográfica do documento, referência sempre presente de um passado inacessível. (KOSSOY, 1989, apud NASCIMENTO; STEINKE, 2016, p.30)

Dessa forma, quando se fotografa um espaço ou um lugar, pode-se ter uma alteração no resultado, sendo ela um destaque em algo na imagem, ou algum objeto que foi ignorado. O fotógrafo pode selecionar as situações e lugares que mais lhe convém, ou que são importantes para a mensagem que deseja passar, se relacionando com a forma com que deseja trabalhar a realidade.

Diante do exposto, fica claro que a fotografia possui uma limitação, pois ela não retrata a realidade em si, mas sim lugares pré-definidos, e quando se analisa as fotografias, deve-se atentar a outras informações como por exemplo, os fatores culturais e sociais presentes na imagem, e a produção de espaços.

Existe, portanto, um conflito entre a objetividade e a subjetividade no momento de escolher o objeto a ser fotografado, pois “embora a autoridade de uma fotografia

sempre dependa da relação com um tema (de ser a foto de alguma coisa), todas as pretensões fotográficas como arte devem enfatizar a subjetividade da visão” (SONTAG, 2004, apud NASCIMENTO; STEINKE, 2016, p.31).

Entretanto, no uso da fotografia pela Geografia, a subjetividade do ponto de vista do fotógrafo deverá ser afastada, com a finalidade a se registrar o espaço com a máxima objetividade observando-se a primeira realidade trazida por Kossoy (1989).

Ainda, segundo os autores Nascimento e Steinke (2016):

[...] os trabalhos mais recentes sobre a relação entre fotografia e Geografia têm focado no significado dos objetos fotografados, inclusive com argumentos sólidos da importância da fotografia como fonte de registros históricos, não apenas para descrever com fidelidade o tempo passado, mas como um importante instrumento das construções sociais históricas, o que em particular, para o campo da paisagem se mostra relevante, uma vez que além da mera comparação estética ou quantitativa, se pode aliar uma avaliação, ainda que especulativa do ponto de vista qualitativo. (NASCIMENTO; STEINKE, 2016 p.33)

Nesse sentido, a fotografia passa a ser mais do que um registro, ela se torna um meio pelo o qual o geógrafo possa ver e entender o que está sendo observado.

Do ponto de vista das territorialidades e a sua ciclicidade, por exemplo, considerando-se as mudanças que ocorrem ao longo do tempo num mesmo território, é importante frisar alguns aspectos. Primeiro, como já relatado anteriormente, a fotografia constitui-se em uma representação estática de um dado espaço e tempo. Em muitos casos, a utilização da fotografia nos estudos geográficos está ligada à análise da paisagem. Para que seja possível analisar também por meio de outras categorias e conceitos, como no caso do território de das territorialidades, é fundamental que as potencialidades e as limitações deste recurso sejam levadas em consideração. Portanto, é preciso relativizar estas representações e saber utiliza-las de maneira adequada, sobretudo no momento da análise.

Sobre esta questão, no caso de análises que envolvem temporalidades, é importante a utilização de registros fotográficos de diferentes momentos e períodos. Reis Filho (2014) menciona uma contribuição por parte dos estudos da História que também se enquadram nas análises geográficas:

Com respeito a procedimentos que dão origem a verdadeiras técnicas, a história também realça a função utilitária da “fotografia repetida” no âmbito da pesquisa geográfica. Esta técnica auxiliou o conhecimento sobre evolução das paisagens; evolução esta que podia ser aferida pelos processos testemunhados iconograficamente. Trata-se de sucessivos registros, executados desde os mesmos pontos de vista (repetindo a estação do ano – para que a fenologia não iluda o olhar-intérprete – e o horário – a fim de obter os mesmos efeitos de clareza) (REIS FILHO, 2014, p.22).

Observa-se que embora uma única fotografia represente determinado momento, um conjunto de documentos de diferentes períodos já poderia trazer contribuições, nesta ideia de “fotografia repetida”. Ou seja, como enfatizado pelo autor, “o registro fotográfico podendo servir para documentar estados que seriam sempre transicionais” (REIS FILHO, 2014, p.22).

Mesmo com o registro de diferentes momentos de um mesmo local, o momento da leitura, análise e interpretação é fundamental. Raffestin (2008), ao tratar da questão da historicidade do território, traz contribuições importantes. Para o autor, “Do mesmo modo que existe uma historicidade do território material, também há uma da imaginação, pois as mediações utilizadas para decifrar a realidade enraízam-se no ambiente cultural, econômico e político do período considerado” (RAFFESTIN, 2008, p.35). Ainda para este autor, ao tomar como base as contribuições de Turco (2002):

A paisagem, em outras palavras, pode revelar-se como uma manifestação empírica da territorialidade. Porém isso ocorre somente se um observador for capaz de organizar, em uma unidade vivível, parcelas do processo de territorialização, ou seja, das trajetórias lógicas e históricas que o caracterizam, tanto no plano simbólico como no material e estrutural” (TURCO, 2002, apud RAFFESTIN, 2008, p.35).

Ainda no sentido de dar ênfase à essa relação entre o estático e o dinâmico, entre a paisagem e o território, dando ênfase à análise e interpretação, podemos recorrer ao fato de que a “imaginação é um elemento constituinte da territorialidade, porém, raramente é explícita” (RAFFESTIN, 2008, p.35). Também se utilizando das ideias de Turco (2002), destaca ainda que “Fundamental parece, pois, o estatuto da imaginação, já que se compreende sempre melhor que a paisagem é o resultado de uma interação simbólica entre a substância comunicativa do agir territorial e a qualidade do observador” (TURCO, 2002, apud RAFFESTIN, 2008, p.35).

Assim, o observador, em interação com o conhecimento que se tem sobre determinado território, no âmbito da imaginação, tem papel fundamental no resultado da utilização das fotografias, sobretudo na interpretação das representações iconográficas. E é a partir desta perspectiva que pretendemos analisar aspectos relativos à ciclicidade no território, do ponto de vista de suas territorialidades, considerando-se os diferentes períodos do dia na área central de uma cidade.

CAPÍTULO 3

ANÁLISES DE TERRITÓRIOS POR MEIO DE FOTOGRAFIAS

Como vimos nos capítulos anteriores, o território pode se alterar de acordo com quem está inserido nele, porém é quase imperceptível aos olhos humanos devido a vários fatores, como por exemplo, a vida corrida e agitada do dia a dia das pessoas.

Assim surge a fotografia como um meio de demonstrar essas territorialidades, pois ela consegue 'paralisar' a paisagem e as expressões das pessoas e da sociedade.

A fotografia consegue materializar o espaço-tempo, que se torna muito importante para a Geografia, pois nela é possível observar o real registro de uma parte da sociedade, possibilitando a realização de diversas análises sobre a mesma. Numa sociedade cada vez mais urbanizada, torna-se fundamental voltar os nossos olhares para as diferentes realidades urbanas existentes.

Os registros fotográficos possuem diversas informações importantes, e historicamente houve uma preocupação em mostrar através desses registros as transformações urbanas. Nesse sentido, a fotografia acaba registrando as várias memórias em diversos aspectos das cidades e é possível analisar por essas fotografias as transformações urbanas que elas demonstram, estando presentes em diversos museus, coleções, exposições, entre outros.

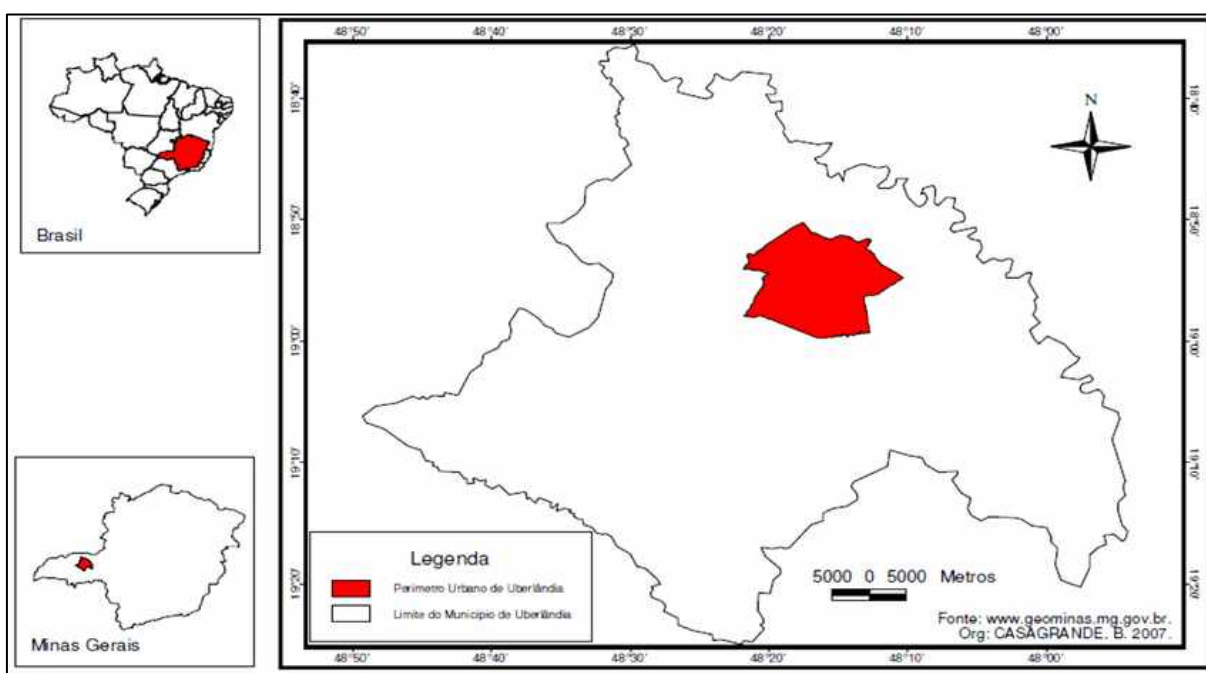
Como vimos, a fotografia pode trazer diferentes informações dependendo de quem as está analisando. Cada pessoa pode ter uma análise diferente e observar somente o que lhes convém ou se mostra interessante.

Este capítulo tem como objetivo realizar a análise dos materiais fotográficos da área de observação escolhida com a finalidade de demonstrar a territorialidade de fato.

Neste trabalho o recorte de observação escolhido é a área central da cidade de Uberlândia-MG, tendo como foco específico as praças Rui Barbosa (também conhecida como Praça da Bicota), e a Praça Tubal Vilela. Tratam-se de praças importantes no âmbito da área central da cidade de Uberlândia.

A cidade de Uberlândia é sede do município que possui área territorial de 4.115,206 km² de acordo com o IBGE (2018) e população aproximada de 691.305 pessoas (IBGE, 2019). O município está localizado na mesorregião geográfica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (figura 4).

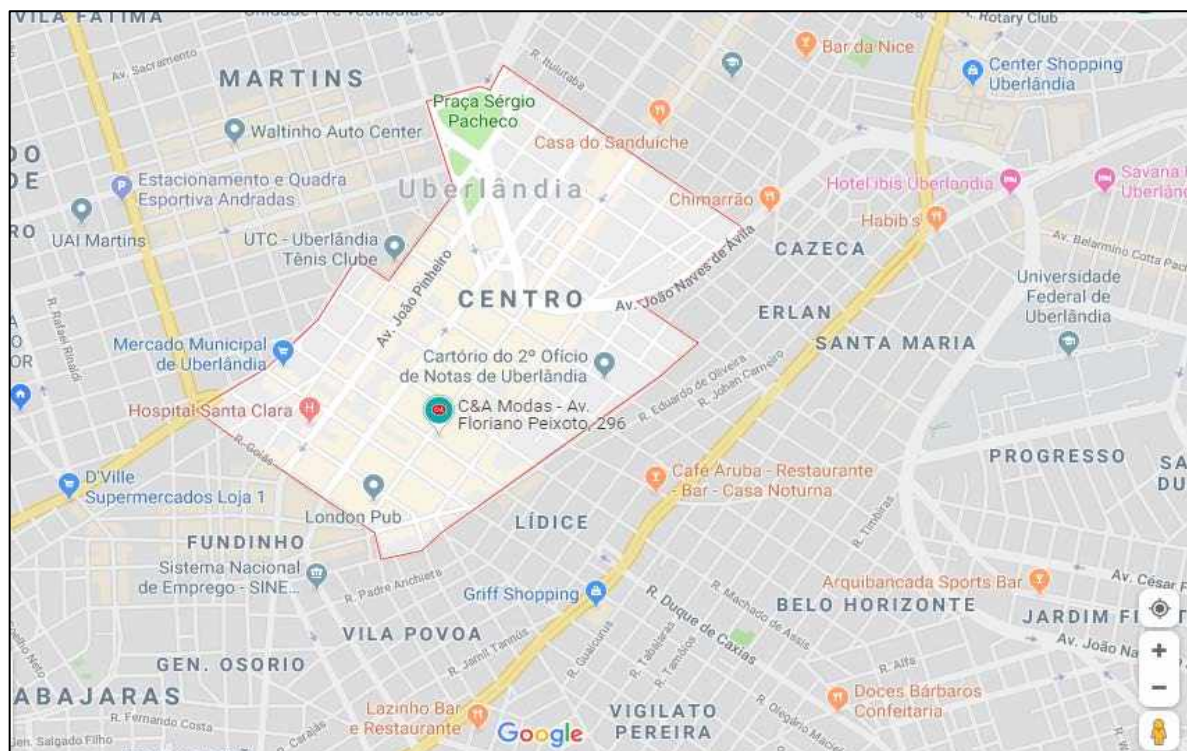
Figura 4: Localização do município e área urbana de Uberlândia – MG



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2015. Extraído de Pavanin, Chuerubim e Lázaro, 2017.

A próxima imagem ilustra a área central de Uberlândia, onde se localizam as áreas selecionadas para o estudo.

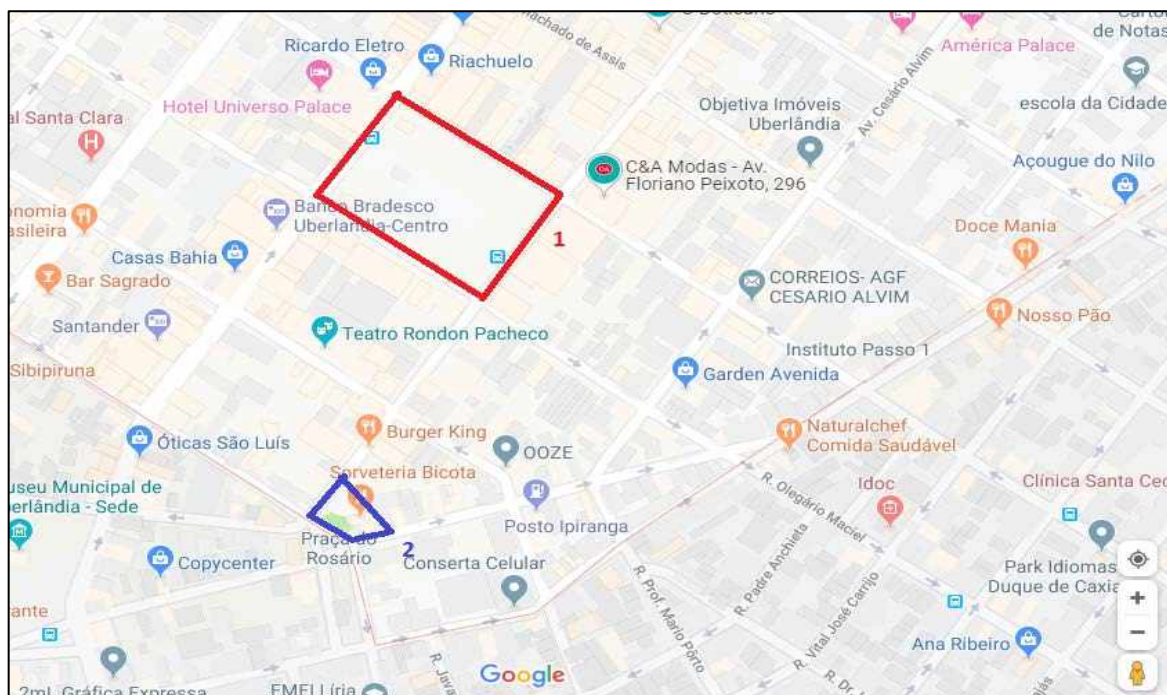
Figura 5: Representação da área central de Uberlândia – MG



Fonte: Google Maps (2018).

Já esta última imagem (figura 6) mostra as duas áreas de observação do estudo, ou seja, onde foram realizados os registros fotográficos. Na referida figura, em vermelho encontra-se a Praça Tubal Vilela, e em azul, a Praça Rui Barbosa (também conhecida como Praça da Bicota).

Figura 6: Localização das áreas de observação: 01. Praça Tubal Vilela e 02. Praça Rui Barbosa



Fonte: Google Maps (2019)

Através dessas áreas delimitadas pelos mapas acima expostos foram realizados registros fotográficos com o intuito de se registrar diferentes momentos do dia e, dessa forma, tentar contribuir na análise das territorialidades cíclicas. Buscou-se verificar se nas áreas analisadas, ambas no centro da cidade, há um ou mais grupos se apropriando do espaço em determinado horário ou dia, ou ainda, períodos dos meses e dos anos.

Iniciando pela Praça Rui Barbosa, a fotografia (figura 7) mostra um enorme grupo de pessoas, que vinham dos bairros mais periféricos da cidade, e se reuniam no local para realizar eventos musicais e outros encontros com temas musicais sobre funk e derivados, e tentavam levar sua cultura ao centro da cidade de Uberlândia.

Durante algumas semanas, por volta dos meses de janeiro e fevereiro de 2019, este grupo frequentou a Praça Rui Barbosa e há relatos de que alguns frequentadores de bares da proximidade se incomodavam com essas pessoas, por aparentarem ser de classes e estilos diferentes.

Figura 7 - Grupo de pessoas no encontro na Praça Rui Barbosa



Fonte: Página do Bailão na Bicota no Facebook.¹

Após algumas semanas ocorrendo esse encontro, a polícia começou a ficar mais presente na praça, sendo que em um dos eventos ocorridos houve uma grande revista por parte da polícia às pessoas que estavam no local, como pode-se ver na imagem abaixo:

Figura 8 - Policiais revistando as pessoas presentes no evento



Fonte: Página do Bailão na Bicota no Facebook²

¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/bailaodabicota/>> Acesso em 09 de nov. 2019.

² Disponível em <<https://www.facebook.com/bailaodabicota/>> Acesso em 09 de nov. 2019.

Atualmente, algumas bases policiais fixas foram fechadas e deram lugar as bases móveis que, por sua vez, são montadas em diferentes setores da cidade, e uma delas é frequentemente instalada na referida praça.

Esses eventos e encontros não ocorrem mais na proporção que se tinha anteriormente. Pode-se perceber que esse era um exemplo de territorialidade, pois essas pessoas levaram sua cultura para um determinado lugar e ficaram ali por um determinado tempo, apropriando-se da referida praça para a realização de suas atividades.

A ação policial de ter se instalado na praça, teve e ainda pode ter uma grande influência na questão de territorialidade cíclica, uma vez que ela pode indiretamente determinar qual grupo de pessoas frequenta aquele espaço, devido ao poder que ela exerce.

Já na Praça Tubal Vilela, na primeira fotografia registrada dia 11 de outubro de 2019, por volta das 11 horas da manhã, é possível notar três grupos diferentes na praça.

O primeiro grupo identificado se trata de algumas pessoas que estão em uma feira de livros, voltados para a temática religiosa, e somente as pessoas que se identificavam pelo tema se aproximavam desse grupo.

Apesar do registro único, é perceptível que se trata de um exemplo de território cíclico, com uma escala temporal de apenas algumas horas, durante o dia, e de alguns períodos do ano, visto que não ocorre todos os dias.

Na mesma praça, entretanto sob outro ponto de observação, desta vez sendo no centro da praça, é possível notar a presença de comerciantes em barracas, como se fosse uma pequena feira ao ar livre (figura 10).

Figura 9: Fotografia da Praça Tubal Vilela (em frente à Catedral Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face)



Fonte: Daniel Castanheira Guimarães (2019)

Nesta fotografia é possível observar também uma territorialidade cíclica, porém numa escala temporal maior, visto que estão presentes durante alguns dias em determinadas épocas do ano, como por exemplo, dia das crianças e Natal.

Figura 10: Fotografia da Praça Tubal Vilela (centro da praça)



Fonte: Daniel Castanheira Guimarães (2019)

Nesta fotografia, que também foi registrada na Praça Tubal Vilela, desta vez tendo como ponto de observação a parte inferior, onde também estão localizados vários pontos de ônibus, nota-se a presença de diversos camelôs que estão instalados durante todo o horário comercial, quando acabam se apropriando desta área por meio das relações resultantes da atividade comercial. Já no período noturno estes comerciantes não ocupam este espaço.

Neste caso, é possível verificar certa ciclicidade no âmbito da territorialidade da praça, uma vez que durante o dia a presença dos camelôs acaba gerando uma dinâmica significativa, no âmbito de uma escala temporal ao longo dia, uma vez que no período noturno não estão presentes.

Figura 11: Fotografia da Praça Tubal Vilela (em frente à Rua Afonso Pena)



Fonte: Daniel Castanheira Guimarães (2019)

Finalizando a análise sobre as fotografias registradas na Praça Tubal Vilela, foi observado, por fim, no período noturno, por volta das 21 horas, e nas três localidades registradas no período diurno, a inexistência de uma territorialidade, posto que inexistem indivíduos ou um grupo de pessoas exercendo uma relação de apropriação sobre aquele espaço, e percebe-se somente alguns indivíduos atravessando a praça.

Figura 12: Fotografia da Praça Tubal Vilela no período noturno



Fonte: Daniel Castanheira Guimarães. (2019)

A seguir passa-se para a análise dos registros fotográficos obtidos através da observação da Praça Rui Barbosa, ou Praça da Bicota, sendo que todas fotografias foram registradas na data de 11 de outubro de 2019 em horários distintos.

A primeira fotografia (figura 13) foi registrada às 11 horas da manhã, sendo possível notar a existência de comércio no local que ocorre de forma cíclica, sendo que pode-se perceber o pouco movimento que se tem presente no local.

Já no período noturno em registro (figura 14) realizado às 22 horas, é possível notar uma maior movimentação por grupos de pessoas, que ali exercem um domínio durante este período, enquanto buscam diversão nos bares e na própria praça.

Figura 13: Fotografia da Praça Rui Barbosa – período diurno



Fonte: Daniel Castanheira Guimarães (2019).

Na fotografia também é possível perceber a presença da base móvel da polícia militar, a qual foi citada acima neste trabalho, demonstrando assim uma multiterritorialidade, sendo uma exercida pelos boêmios e outra pelos policiais.

A territorialidade representada também é cíclica, sendo que ocorre comumente no período noturno e principalmente aos finais de semana.

Figura 14: Fotografia da Praça Rui Barbosa – período noturno



Fonte: Daniel Castanheira Guimarães (2019)

Nessas fotografias fica clara a diferença entre as duas praças, sendo que a Praça Tubal Vilela possui seu movimento no período diurno, com a presença de camelôs, pessoas nos pontos de ônibus, e vários outros indivíduos espalhados pela praça realizando outras atividades. Porém, no período noturno, essa praça já fica com pouco movimento, principalmente após o encerramento do horário comercial. Nota-se apenas a presença de algumas pessoas passando pela praça, mas utilizando-a apenas como ponto de passagem, sem exercer territorialidade por ali.

Já na Praça Rui Barbosa, se tem o oposto, pois durante o dia existe um pequeno comércio, mas sem grandes movimentações de pessoas ou grupos, e no período noturno, essa praça já se torna um local mais movimentado, principalmente aos finais de semana, com um perfil de frequentadores geralmente ligado aos jovens em busca de lazer noturno.

A fotografia, neste trabalho, possibilitou a realização de registros de diferentes momentos e situações verificadas em duas praças da área central de Uberlândia. Por meio destes registros, é possível realizar uma análise de diferentes maneiras de apropriação do mesmo território e, portanto, verificar a existência de territorialidades cíclicas. Para um indivíduo que conheça ou frequente estas praças, por exemplo, somente durante o dia ou a noite, ou ainda, em determinadas épocas do ano, não seria possível captar todas estas dinâmicas atinentes a territorialidades diferentes que se fazem presentes no mesmo território. Assim, os registros fotográficos possibilitam a visualização destas dinâmicas por meio dos registros, desde que devidamente contextualizados no âmbito das dimensões espaciais e temporais.

CONCLUSÃO

Foi visto que a fotografia surgiu de uma simples curiosidade do ser humano em como capturar e registrar imagens que se formavam a partir da luz solar. E com o passar dos anos várias técnicas foram sendo desenvolvidas e aperfeiçoadas até que se chegou aos dias atuais com toda tecnologia que é conhecida.

Por meio de todo esse desenvolvimento da fotografia, ela se popularizou como instrumento de uso cotidiano, mas também para finalidades científicas. Na Geografia, por exemplo, a fotografia tem possibilitado a realização de análises diversas, incluindo-se um olhar temporal que pode contribuir para a compreensão da ciclicidade dos territórios.

No caso deste trabalho, por meio das fotografias foi possível observar diferentes usos de um mesmo território, considerando-se a presença e a apropriação por diferentes indivíduos ou grupos. As fotos puderam demonstrar quais grupos exercem as relações de poder e apropriação nas duas praças analisadas em diferentes horários e períodos.

Porém, o grande desafio está no âmbito na análise e interpretação destas imagens e das representações diagnosticadas por meio das fotografias. Isto porque, como já destacado por Métaillé (1997 apud REIS FILHO, 2014, p.32): “não devemos utilizar a fotografia como se fosse um documento objetivo que, uma vez lido, seria imediatamente compreendido”.

Para Reis Filho (2014, p.32), a “experiência mostra que toda imagem tem de ser interpretada” e, por isso, para além das informações iconográficas, precisamos aprofundar na análise e interpretação.

Ressalta-se que a fotografia é uma representação estática de uma seção do espaço geográfico. Ou seja, trata-se de uma imagem de uma “parte” da história e de

uma “parte” do espaço, o que impõe limites e desafios para uma análise mais profunda. Embora seja importante, é preciso levar em consideração também estas limitações e, nesse sentido, a interpretação é fundamental neste processo.

Por meio da realização desta pesquisa, foi possível verificar a importância da fotografia para os estudos geográficos, inclusive para a análise das territorialidades em períodos diferentes. No entanto, há necessidade de se aprofundar mais no âmbito da interpretação das representações obtidas, que ficará para ocasiões futuras de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANJOS, R. S. A. Milton Santos. **Território e Fotografia - Aproximações. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica – Território**. P. 51-57. v.2, n.1 (2011), ISSN: 2177-4366

COSTA NETO, Cid. **Maquina do tempo : Daguerreótipo**. 2011. Disponível em <<http://www.resumofotografico.com/2011/09/maquina-do-tempo-daguerreotipo.html>>. Acesso em 22 ago. 2019.

Deutsche Welle. **Calendário histórico:1816:Primeira fotografia**. Disponível em : <<https://www.dw.com/pt-br/1816-primeira-fotografia/a-515945>>. Acesso em 20 ago. 2019.

EQUIPE FOTOGRAFIA MAIS. **História Completa da Fotografia**. Fotografia Mais, 2017. Disponível em: <<https://fotografiamais.com.br/historia-completa-da-fotografia/>>. Acesso em 12 out. 2019.

FOTOGRAFIA MAIS. Belo Horizonte: Fotografia Mais, 2019. Apresenta informações sobre educação e fotografia. Disponível em: <<https://fotografiamais.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

FUINI, L. L. O território e suas variantes: uma incursão pela Geografia na pós-modernidade. In: XV Encontro de Geógrafos da América Latina, 2015, Havana-Cuba. **Memórias do XV Encontro de Geógrafos da América Latina**. Havana-Cuba: Universidad de la Habana, 2015. v. 1. p. 1-20.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Território e multiterritorialidade**: um debate. GEOgraphia (UFF), v. 17, p. 19-45, 2008.

Mapa da Praça Rui Barbosa d Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. GOOGLE MAPS. 2019 Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Sorveteria+Bicota/@-18.9226874,-48.2789821,19z/data=!4m3!1m7!3m6!1s0x94a4450c10bbbaef:0xae370c93616d5c9c!2zVWJlcmZDom5kaWEsIE1H!3b!18m2!3d-18.9127534!4d-48.275484!3m4!1s0x94a445002aa91a09:0xd0bc0c59f9a2020b!8m2!3d-18.9230421!4d-48.2789851>>. Acesso em 14 out. 2019

Mapa do centro da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. GOOGLE MAPS. 2019. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Centro,+Uberl%C3%A2ndia+-+MG/@-18.9180392,-48.282689,15z/data=!4m3!1m7!3m6!1s0x94a4450c10bbbaef:0xae370c93616d5c9c!2zVWJlcmZDom5kaWEsIE1H!3b!18m2!3d-18.9127534!4d-48.275484!3m4!1s0x94a445aada9bfd7f:0x49cb222d8986cde3!8m2!3d-18.9161266!4d-48.2745749>>. Acesso em 14 out. 2019.

Mapa da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Cidade Brasil. 2019. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-uberlandia.html>>. Acesso em 14 out. 2019.

NASCIMENTO, Rafaela Araujo de; STEINKE, Valdir Adilson. **Apontamentos Teóricos para a relação entre paisagem e fotografia.** Curitiba/PR. Raega. 2018. p. 21 – 35. v.44.

PAVANIN, E. V.; CHUERUBIM, M. L.; LÁZARO, B. O. Geoprocessamento aplicado ao estudo de vulnerabilidade do solo na bacia hidrográfica do córrego Guaribas em Uberlândia-MG. **Revista Eletrônica e Engenharia Civil.** Goiânia: UFG, 2017. p.17-31.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.17-36.

REIS JUNIOR, Dante Flávio. Aspectos históricos da fotografia e realizações em Geografia. In: STEINKE, Valdir Adilson; REIS JUNIOR, Dante Flávio; COSTA, Everaldo Batista (org.). **Geografia e fotografia.** Apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias, UNB, 2014.

SALLES, Filipe. **BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA.** Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/downloads/cat_view/59-parte-1-manual-de-fotografia?start=5>. Acesso em 10 out. 2019.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.17-36. p.73-94.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: COREA, Roberto Lobato et al. **Geografia: conceitos e temas.** 2. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

STEINKE, Valdir Adilson; REIS JUNIOR, Dante Flávio; COSTA, Everaldo Batista (org.). **Geografia e fotografia.** Apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias, UNB, 2014.

VAZ, Ana Maria Cortez. **DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO.** 2010. Disponível em: <<http://ambientesgeograficos.blogspot.com/2010/08/desterritorializacao-e.html>>. Acesso em 12 out. 2019;